

Varsóvia revistada

Paulo Gadelha
Desembargador Federal
Do TRF da 5ª Região

Primeiro, li o livro – O pianista – escrito pelo músico e judeu polonês Wladislaw Szpilman, numa publicação da editora Record, tradução de Tomasz Barcinski. Depois, via a obra cinematográfica, de Roman Polanski.

Ambos – o Livro e o filme – são modeladores. O livro, obviamente, mais frio, mais trabalhado, com maior e mais farta riqueza de detalhes. Na tela, como geralmente acontece, o romance ganha um discurso mais emocional, especialmente quando a temática mexe com a emoção humana, alfinetando, com talento e sensibilidade, um passo que deixou cicatrizes profundas.

No caso de O Pianista, há uma coincidência singular, justificando a teoria de que a arte imita a vida: Polanski, igualmente a Szpilman, sobreviveu à ocupação nazista, na lendária Cracóvia que, em matéria de poesia e sofrimento, rima com Varsóvia.

Roman Polanski, um cineasta de complicada vida social, impedido, desde 1977, de entrar nos Estados Unidos, condenado à revelia por crime de estupro, é um diretor de grande películas, tais como, Armadilha do Destino (1966); O Bebê de Rosemary (1968); Macbeth (1971) e Chinatown (1974).

Agora, ele dirige, talvez, a sua obra-prima, estruturada em três valores fundamentais: limpidez verbal, densidade temática e interpretação histórica.

O filme é a denuncia visual e publica das atrocidades perpetradas pela botas do nazismo. Há de tudo nesse ritual de barbáries: a fome, a sujeira, as traições, a postura de alcagüetes, as alianças espúrias entre a plutocracia judia e os comandantes da temível Gestapo.

Szpilman, o heróico e solitário pianista, gravou, no teclado, tamanha ignonímia, numa Varsóvia que não queria perder nunca a musica da liberdade. Ou como observou, com luminosa visão histórica, conhecido ensaísta brasileiro: “o pianista do filme de Polanski toca uma sinfonia melancólica, espécie de réquiem para nossa civilização”.

Wladislaw Szpilman viu todo isso foi personagem dessa monstruosidade.

Escondido e ouvindo o ruído macabro de balas e bombas, ele comeu o pão que o diabo amassou, bebeu água fétida, testemunhou o assassinato de crianças, sem nunca perder a esperança e a fé nos valores espirituais.

O piano deu-lhe inspiração e coragem para compor uma espécie de hino à resistência.

Roman Polanski trouxe para o sublime mundo da sétima arte a procissão de horrores vivida pela Varsóvia do pianista.

O cinema e a literatura, a quatro mãos, fazendo historia e revisando Varsóvia, cidade de libertários e eternos teclados.